

Eixo Temático

História, historiografia da educação

Título

A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO DIDÁTICO E O ENSINO DE GEOGRAFIA NA OBRA DE JOÃO TOLEDO

Autor(es)

**Rubens Batista da Rocha¹
Silvia Helena Andrade de Brito²**

Instituição

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

E-mail

rubensroc1@hotmail.com

silvia.brito@ufms.br

Palavras-chave

Organização do Trabalho Didático; João Toledo; Ensino de Geografia.

¹Licenciado em Geografia e mestrando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/CCHS/Campo Grande/MS.

²Orientadora, professora e pesquisadora do fido Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/CCHS/Campo Grande/MS.

Resumo

O presente trabalho tem como objeto as propostas para o ensino de Geografia presentes em obras de João Augusto de Toledo (1879-1941), importante educador paulista, autor de manuais didáticos para as escolas primárias e normais do início do século XX. Nosso objetivo é investigar como o autor propõe uma dada organização do trabalho didático, a partir de uma abordagem teórico-metodológico que privilegia a categoria trabalho, fundamento para compor o nosso olhar sobre a materialidade histórica do processo de produção do trabalho didático. As fontes utilizadas nessa investigação foram duas obras de Toledo, *Didática (para a escola primária)* e *Escola Brasileira*, além das fontes secundárias pertinentes ao objeto. Como resultados da pesquisa, evidencia-se o caráter eclético da proposta de organização do trabalho didático em João Toledo: ao mesmo tempo que privilegia a importância do papel do professor e, nessa direção, avalia como sendo necessária a produção de manuais didáticos, também enfatiza a condição ativa que se deve imprimir ao processo de ensino, garantindo-se as condições de participação e da atividade do aluno em sala de aula.

Palavras-chave: Organização do Trabalho Didático; João Toledo; Ensino de Geografia.

Texto Completo

1. INTRODUÇÃO

O objeto a ser problematizado nesse artigo é a proposta de João Augusto de Toledo sobre a organização do trabalho didático, privilegiando sua proposta para o ensino de Geografia. Dessa forma, temos como objetivo realizar um estudo sobre a organização do trabalho didático, e o ensino de Geografia na obra de João Augusto de Toledo, partindo das categorias trabalho didático e organização do trabalho didático, bases para o método de análise do objeto a ser apresentado. Para tal, são utilizados como fontes os próprios textos de João Toledo: *Escola brasileira*, de 1930 e *Didática (na escola primária)*, produzido em 1934. Tais obras serão analisadas focando as duas categorias de análise que são centrais para esse artigo: trabalho didático e organização do trabalho didático.

Em função disso, a categoria trabalho será discutida na primeira parte do artigo, tendo como referência as análises de Marx e Engels, os quais realizaram seus estudos partindo dos pressupostos ontológicos expostos em *A Ideologia Alemã (1845)*, mostrando como os homens começaram a produzir a própria existência, por meio do

trabalho. Uma vez que a categoria trabalho didático está subsumida à categoria trabalho, fez-se necessário tratar desta última num primeiro momento. Continuando a discussão, procuramos dar os esclarecimentos sobre as categorias trabalho didático e organização do trabalho didático, chaves analíticas para compreendermos a escola moderna, tendo como referência os estudos de Gilberto Luiz Alves (2005; 2006).

Já na segunda parte do artigo realizamos um estudo nos textos escolares do educador paulista João Augusto de Toledo, cujo trabalho didático foi desenvolvido nas primeiras décadas do século XX, tendo participado de momentos importantes para a educação do país. O estudo em suas obras foi realizado no sentido de entendermos como ele prescrevia o ensino de Geografia, para os professores das escolas normais e primárias de São Paulo.

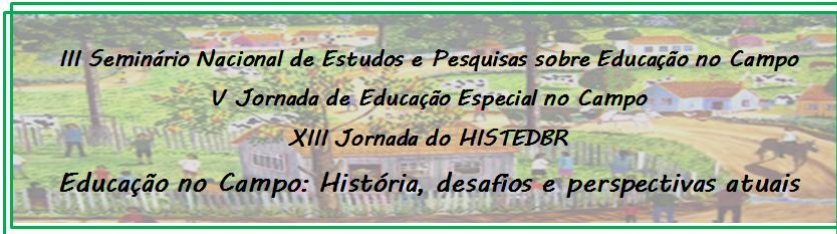
Por último, fechando esse trabalho, são apresentadas algumas considerações finais sobre as questões que foram objeto de nossas investigações.

2. CONSIDERAÇÕES SOBRE TRABALHO, TRABALHO DIDÁTICO E ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO DIDÁTICO

A categoria analítica trabalho é de vital importância para compreendermos a organização do trabalho didático e trabalho didático. Nesta seção estaremos realizando uma discussão sobre esta categoria, fundamentados nas obras de Marx e Engels.

O trabalho no pensamento marxista é a realização da mais fundamental das atividades humanas, de forma consciente e objetivada, com a finalidade de garantir a vida em seus aspectos naturais e sociais, ou seja, em Marx o homem só realizou o trabalho quando começou a fazê-lo no sentido de garantir a sua sobrevivência, e sempre o realiza num contexto social e histórico dados. No entanto, para Marx o que diferencia o homem dos animais, é a capacidade que o ser humano tem de realizar o trabalho de forma consciente. Marx explica que os animais realizam suas atividades de forma instintiva, não há conscientização em suas ações, o que eles fazem, farão sempre e da mesma maneira até o fim de suas vidas (MARX e ENGELS, 2007).

Para Marx, outra importante categoria, relacionada a questão do trabalho, é a divisão do trabalho, que levou às especializações, onde cada homem passou a ter uma



função determinada no processo de trabalho. Em Marx e Engels, a divisão do trabalho foi o rompimento do homem com os laços naturais e de sua relação com a natureza, que o levou ao jugo do trabalho, como observam:

E, finalmente, a divisão do trabalho nos oferece de pronto o primeiro exemplo de que, enquanto os homens se encontram na sociedade natural e, portanto, enquanto não há a separação entre interesse particular e interesse comum, enquanto a atividade, por consequência, está dividida não de forma voluntária, mas de forma natural, a própria ação do homem torna-se um poder que lhe é estranho e que a ele é a própria ação do homem e que a ele é contraposto, um poder que subjuga o homem em vez de por este ser dominado. (MARX e ENGELS, 2007, p. 37).

Neste momento da história dos homens, o trabalho não se dá de forma autônoma, na verdade, eles estão sob o jugo de suas necessidades materiais. Mas isso ocorre de forma não consciente, o sujeito realiza suas ações sem ter plena consciência de sua dependência em relação ao trabalho.

Também nesse primeiro momento da história da humanidade o trabalho para o homem é algo realizado de forma habitual, não estando ligada a acumulação de riqueza para outros, embora seja o trabalho que irá produzir o necessário à sobrevivência da humanidade, como foi o trabalho comunitário nas comunidades primitivas. Nestas, os homens viviam em grupos, e nesses grupos havia a necessidade de caçar e pescar, e coletar alimentos nos campos, para garantir a subsistência da espécie.

Tal processo irá se modificar com o surgimento da sociedade de classes, quando o trabalho de muitos passará a ser explorado para produzir a riqueza de poucos: assim se deu na antiguidade, por meio da exploração do trabalho escravo, e posteriormente na sociedade feudal, por meio da exploração dos camponeses ou servos, e finalmente no capitalismo, com a exploração do trabalho assalariado (MARX e ENGELS, 2007).

Em que pese seu caráter de trabalho explorado nas sociedades de classe, foi pelo trabalho que o homem transformou a natureza, bem como passou a realizar as atividades educacionais, necessárias à transmissão e assimilação que a atividade de trabalho exigia. Assim, não há como falar em educação sem considerarmos que a educação é social e historicamente produzida, por meio do trabalho. Dessa forma, quando pensamos em trabalho didático estamos nos referindo a um processo que está, necessariamente,

subsumido à atividade de trabalho em geral realizada pelos homens, base para a produção de toda vida humana (ALVES,

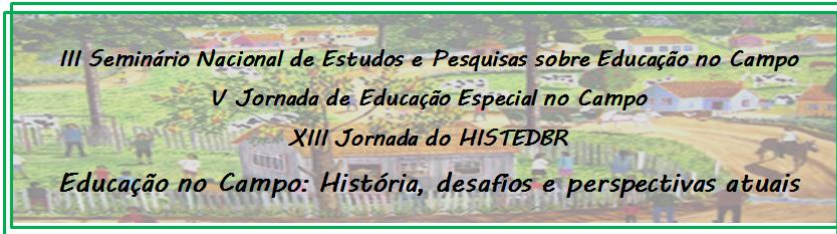
Assim, a organização do trabalho didático e trabalho didático serão nossa preocupação a partir de agora, como bases teóricas para procurarmos entender como surgiu a escola moderna e a importância dos instrumentos de trabalho na prática educativa do professor moderno. Nesse sentido, temos que esclarecer o que vem a ser trabalho didático, este que existiu nas distintas sociedades humanas, acompanhando a realização da prática educativa. Segundo Alves (2005, p. 17), desde o “[...] o surgimento dos primeiros estabelecimentos de educação sistemática, vigorou dentro deles alguma forma de organização do trabalho didático”. O trabalho didático em todas as épocas anteriores à sociedade capitalista sempre fora de maneira individualizada, assim, de acordo com Alves (2005, p. 18) “Enquanto se realizava a educação de um jovem, a relação que se estabelecia entre ele e seu preceptor na sociedade escravista e na sociedade feudal eram, sobretudo, de natureza individual”. Esta forma de trabalho didático na época feudal foi marcada pelo trabalho entre o mestre preceptor que dominava todo conhecimento a ser transmitido, de maneira semelhante ao mestre artesão, no trabalho artesanal:

Na sociedade feudal, o mestre artesão foi celebrado como um trabalhador que tinha o domínio pleno, tanto no âmbito teórico quanto no plano prático, da atividade à qual se dedicava. Ele era o senhor dos *segredos* de seu ofício. De forma correspondente, o mestre ou preceptor dominava todas as etapas e operações da atividade de ensino. (ALVES, 2005, p. 18).

Dessa forma, o trabalho didático no período feudal era de natureza subjetiva, estava extremamente dependente da vontade do preceptor para ser realizado, ao contrário do que ocorrerá no capitalismo. E isso vai marcar a forma como o trabalho didático será organizado, em cada momento histórico.

Para deixar clara essa questão, é preciso dizer o que vem a ser a organização do trabalho didático em si, como categoria analítica:

Para realizar-se, a relação educativa dominante na escola moderna, tal como pensada por Comenius, associou-se a precisa forma histórica de ‘organização do trabalho didático’, igualmente proposta por ele.



A relação educativa então concebida colocou, de um lado, o professor e, de outro o coletivo de alunos organizado como classe; b) os procedimentos para a transmissão do conhecimento passaram a ter como fundamento uma tecnologia educacional, o manual didático, c) a sala de aula ascendeu à condição de espaço privilegiado dessa relação, pois a formação intelectual, das crianças e dos jovens, á época, esgotava a função de educação escolar (ALVES e CENTENO, 2009, p. 472 apud ALVES, 2015, p. 68).

Três elementos, portanto, marcam a organização do trabalho didático em qualquer sociedade; uma dada relação educativa; os elementos presentes que tem a função de mediação na referida relação entre educador/educando (currículos, programas de ensino, instrumentos de trabalho, políticas educacionais, gestão e administração escolar e de sistemas, entre outros; e o espaço físico onde o processo educacional se realiza. Podemos afirmar, portanto, que a forma como se materializa a educação em dada sociedade é determinada pela forma/conteúdo da organização do trabalho didático na mesma.

Por isso, para tratar do trabalho didático e da organização do trabalho didático na sociedade capitalista, começamos pela discussão do que seria a escola moderna, cujo projeto foi apresentado pelo protestante João Amós Comenius no século XVII, e que seria organizada em similaridade à manufatura do período de transição da sociedade feudal para a sociedade capitalista, como observa Alves (2006, p. 171):

Comenius está na origem da escola moderna. A ele, mais do que a nenhum outro, coube o mérito de concebê-la. Nessa empreitada, foi impregnado pela clareza de que o estabelecimento escolar deveria ser pensado como uma *oficina de homens*; foi tomado pela convicção de que a escola deveria fundar a sua organização tendo como parâmetro as artes.

Ao refletirmos atentamente, o autor está nos afirmando que a escola foi concebida tendo como parâmetro as artes, conforme Alves (2006, p. 71) “[...] segundo acepção dominante à época em que viveu Comenius, [as artes] abrangiam também as manufaturas”. Comenius estava pensando numa escola fundamentada na manufatura, tendo esta como modelo, de acordo com Alves (2006, p. 72) “[...] a manufatura, depois de ter-se apropriado da base técnica do artesanato, representava a sua superação, pois, através da divisão do trabalho havia decomposto o todo do ofício medieval em suas

operações constitutivas [...]”. Assim podemos entender que a divisão do trabalho no interior da oficina manufatureira, levou a especialização do trabalhador, o que contribuiu para objetivar o processo de trabalho na manufatura.

Quanto à educação, esta última também era ensinada no período feudal em similaridade à produção artesanal, o preceptor detinha todo o conhecimento humano das várias áreas do saber. O ensino era levado a poucos que, pela sua condição de classe, dispusessem de condições e tempo. Como forma de inovação e adequação aos novos tempos, quando seria necessário que todo homem tivesse acesso direto aos textos sagrados, Comenius vai propor a escolarização para todos. Daí a necessidade de que a escola fosse modelada conforme a manufatura:

[...] o educador morávio pressupunha uma organização para a atividade de ensino, no interior da escola, que visava equipará-la à ordem vigente nas manufaturas, onde a divisão do trabalho permitia que diferentes operações, realizadas por trabalhadores distintos, se desenvolvessem de forma rigorosamente controlada, segundo um plano prévio e intencional que as articulava, para produzir mais resultados com economia de tempo, de fadiga e de recursos. (ALVES, 2006, p. 73).

Ora, a economia de “tempo, fadiga e recursos” era uma condição para a expansão do ensino. Nesse sentido, Alves esclarece que Comenius está idealizando uma escola onde o novo educador – o professor – que irá realizar o trabalho didático, executá-lo-á em similaridade à manufatura. Dessa forma, o preceptor sai de cena e entra o profissional da educação, que faz um trabalho especializado em apenas uma área do conhecimento. Mas também fazia-se necessário ter uma nova ferramenta que se adequasse a realidade dessa nova escola:

O manual didático surgiu com a pretensão de consubstanciar uma síntese dos conhecimentos humanos de uma forma mais adequada ao desenvolvimento e assimilação da criança e do jovem. Especializou-se, também, em função dos níveis de escolarização e das áreas de conhecimento, multiplicando-se da mesma forma que os instrumentos de trabalho, dentro da oficina, que, por força da divisão do trabalho, ganharam às configurações mais adequadas as operações que se realizavam. (ALVES, 2006, p. 76).

O novo instrumento de trabalho propiciou ao professor uma melhor forma de realizar o trabalho didático na instituição de ensino, e assim pode-se adequar à escola em níveis de ensino que levassem em conta a idade e o amadurecimento intelectual da criança ou jovem.

Isso também levou à objetivação do trabalho didático pois, com essa nova tecnologia forjada por Comenius, o novo profissional da educação tornou-se dependente do manual didático para realizar o seu trabalho. Na verdade, o que temos com a nova forma de educação implantada por Comenius é um barateamento do trabalho didático, visto que sua intenção era que qualquer homem, com o mínimo conhecimento, poderia realizar o trabalho didático: “Para Comenius, tratava-se de simplificar e objetivar o trabalho didático de tal forma que, qualquer homem mediano pudesse ensinar” (ALVES, 2006, p. 78), pois, os preceptores eram de difícil formação, o que demandava muito tempo e um grande investimento financeiro.

Os manuais didáticos seriam, assim, os guias para a realização do trabalho didático na escola moderna. É preciso dizer que isso não ocorreu imediatamente, visto que a consolidação dos sistemas nacionais de ensino ocorreu apenas nos finais do século XIX, em países como Inglaterra, França e Alemanha, e em meados do século XX, em países como o Brasil. E foi somente quando a escola efetivamente chegou a todos que os manuais didáticos se tornaram os principais instrumentos metodológicos para a realização do trabalho educativo, tornando-se cada vez mais numerosos, e ainda resguardando sua função fundamental de modelar o trabalho didático.

3. A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO DIDÁTICO PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA, NA VISÃO DE JOÃO AUGUSTO DE TOLEDO

A relevância de estudarmos a obra de João Augusto de Toledo dá-se em que este educador paulista teve importante trabalho desenvolvido nas escolas normais e primárias do interior do estado de São Paulo, contribuindo de maneira significativa para educação paulista e brasileira no período das três primeiras décadas do século XX, momento em que se assistia a difusão e consolidação do escolanovismo no país.

Primeiramente, apresentamos João Augusto de Toledo, nascido em 12 de maio de 1879, na cidade de Tietê, interior do Estado de São Paulo. Formou-se no ensino secundário em 1900, pela segunda turma da Escola Complementar de Itapetininga, num momento em que a ênfase dada à formação do professor primário fundamentava-se na pedagogia entendida como “arte de ensinar” (PINHEIRO, 2009, p. 2).

Em sua trajetória profissional, atuou em vários cargos ligados à educação. Assim, logo após a sua formação em Itapetininga-SP foi nomeado em maio de 1901 para a direção do Grupo Escolar de Serra Negra-SP, cargo que ocupou até abril de 1908. A partir deste ano, foi removido para a direção do Grupo Escolar “Cel. Joaquim Salles”, em Rio Claro-SP, lá permanecendo até fevereiro de 1913, quando foi nomeado para assumir a cadeira de Psicologia Experimental, Pedagogia e Educação Cívica na Escola Normal Secundária de São Carlos-SP. Em janeiro de 1921, foi transferido para cargo de diretor da Escola Normal de Campinas-SP (PINHEIRO, 2009).

Vivendo momentos importantes para a economia, política e educação do país, Toledo foi adepto, por um lado, do escolanovismo, e foi um divulgador desse modelo pedagógico.

Por outro, podemos dizer que João Augusto de Toledo considerava que as condições da escola pública no Brasil apresentavam certos entraves para a prática dos métodos ativos, e que a educação não poderia prescindir do entendimento de que o professor era um elemento fundamental no processo de ensino. Isso o aproximaria de certos princípios da assim denominada “escola tradicional”.

No mesmo sentido de que o professor é o ator principal da escola tradicional, João Toledo, de acordo com Pinheiro (2009, p. 43) “[...] passava a apresentar o que caracterizava a “escola tradicional”, para ele resumia-se em transmissão do programa e acumulação pelo mestre”. Dessa forma, “As crianças, ‘assentadas e bem quietinhas’, ‘de olhos abertos e ouvidos atentos’, prestariam atenção no ensino ministrado pelo professor, vendo ‘tudo quanto ele fizesse ou mostrasse’ com o propósito de tornar objetivas suas lições e aplicar [...]” (TOLEDO, 1930, p.10). Portanto, nesse momento, João Toledo deixa claro qual é o papel do professor na relação educativa.

Em função desse posicionamento, Camargo (2007) enfatiza, com base nos escritos de João Toledo, que ele ao mesmo tempo esteve à frente de várias tentativas de

“concretização do ideário escolanovista [...] [embora também] no plano da ação prática, isto é, do trabalho didático propriamente dito, adotou o ecletismo pedagógico” (p. 5). Nesse sentido, sua proposta de utilização de manuais didáticos deve ser entendida nessa direção.

Preocupado com o trabalho didático e sua organização, João Toledo publicou seis livros em sua vida profissional, quatro pela Livraria Liberdade: *O Crescimento Mental*, que teve quatro edições, no qual propunha uma exposição analítica da psicopedagogia, para uso de alunos das escolas normais e dos professores do curso primário; *Escola Brasileira*, em três edições. Desenvolvimento do programa de Pedagogia em vigor das escolas normais, ele dizia que era um livro que se inspirava nas necessidades imperativas da educação nacional; *Didáctica*, com três edições, que tinha como objetivo ensinar as matérias do curso primário: era uma exposição doutrinária baseada nas condições das escolas, e acompanhada por ilustrações e planos que esclareciam os processos recomendados; *Planos de Lição*, com uma única edição, propunha um programa da educação popular, e problematizava o limites da globalização do ensino e do processo de aprendizagem das noções comuns. Fartamente ilustrado, o texto sumariava todos os planos de lição relativos aos grandes círculos das atividades humanas e desenvolvendo aqueles considerados de maior interesse pelo autor.

Pela Livraria Francisco Alves, teve editadas mais duas obras: *Sombras que vivem* – com seis edições, esta obra era adaptada para leitura de classes adiantadas do curso primário, segundo o autor foi escrita visando a educação cívica dos alunos. E em 1930 estava em preparo o livro “*Manhãs do Homem*” – iniciação primária para o estudo dos problemas sociais.

Considerando o objeto desse artigo, analisaremos nesta fase do trabalho o conteúdo do ensino de Geografia, prescritos nos manuais didáticos de João Augusto de Toledo. Neste momento, consideramos pertinente tomarmos duas obras deste autor, para compreendermos como ele estava pensando o ensino de Geografia nas escolas primárias do estado de São Paulo, nas primeiras décadas do século XX.

Primeiramente observaremos o livro *Escola Brasileira*, livro voltado para a formação de professores nas escolas normais. O livro é composto de 17 capítulos, distribuídos em 355 páginas. Entre os temas tratados por João Toledo estava o

nacionalismo, no livro existe um capítulo voltado para esse tema. Considerando-se que se vivia num período onde os ideais nacionalistas eram fortemente aclamados no país, isso pode explicar porque João Toledo vai enfatizar a importância do ensino de Geografia.

O currículo primário foi discutido nas páginas 291 a 305. Para João Toledo o currículo deveria articular-se à realidade social da criança e por isso era preciso atentar para as diferenças que os alunos apresentavam, tanto intelectuais como espaciais: as comunidades rurais, urbanas, colônias de estrangeiros e outros. Enfatiza ainda, contudo, que o programa de ensino (TOLEDO, 1930, p. 292) “E’[sic] que o programma não pode descer a todas estas minudencias, mas é fora de dúvida que o mestre, na processuação das lições, não deve desprezá-las”. Portanto, para Toledo, a decisão final de trabalhar com o manual era do professor, e este deveria adaptar o conteúdo à realidade local. Ou seja, mostra-se aqui a perspectiva eclética a partir da qual o autor enxergava o trabalho didático (CAMARGO, 2007): por um lado, adota a perspectiva psicologizante do escolanovismo, valorizando e reconhecendo as singularidades sociais e psicológicas presentes em sala de aula; por outro, no entanto, aponta para a necessária centralidade do papel do professor, visto ser este último quem deverá, em última instância, fazer as adequações necessárias entre aquilo que se propõe para um coletivo de alunos, e a adequação disso às particularidades que se apresentam na organização do trabalho didático. Para tal, contaria com o auxílio do manual didático.

Outro fato relevante que podemos destacar era a consciência que Toledo tinha da realidade da escola pública brasileira, para ele, a escola tinha sua missão já definida. Como observa Toledo (1930, p. 292): “Lembremo-nos de que a escola popular não é escola propedêutica para continuação de um curso, e sim, prepara crianças para a vida simples que, à gente humilde e pobre, é dado gozar”. Então, temos uma escola voltada para a formação de força de trabalho que atenda aos interesses do mercado, onde este aluno saiba o mínimo para realizar as atividades básicas da vida.

No caso do ensino de Geografia, este último deveria ser adequado para a idade das crianças: assim, criticava a forma descritiva e exaustiva da ciência. Para o autor, a Geografia tem sido apresentada às crianças de modo desastroso, daí sua fama de aridez e sua falta de atração (TOLEDO, 1930). Então, era preciso dar outra roupagem ao

ensino da disciplina. Para Toledo, era necessário oferecer um ensino que iria ampliando-se do menor para o maior grau de complexidade, para isso buscava reforçar os seus argumentos no pensamento de um importante intelectual brasileiro, defensor no Brasil da “lição de coisas”:

Ruy Barbosa, no célebre Parecer, cujas luzes tantas vezes temos invocado, rebella-se contra essa orientação e, examinando um desses compêndios, escreve: “Na geografia geral, a grande questão, o empenho absoluto do curso está em gravar os nomes de todos os países, mares, golfos, estreitos, lagos, rios, montes, ilhas, penínsulas, cabos: cerca de mil. Na geografia particular, recrudescem a impertinência e a preocupação fixa, invariável, de decorar, e só decorar”. E conclui: “Praticado assim pelo bordão da rotina, o ensino da geografia é inútil, embrutecedor”. (TOLEDO, 1930, p. 318).

Portanto, para Toledo, o ensino da Geografia necessitava ser diferente: se não fosse possível a experimentação – projeto defendido pelo escolanovismo – que ao menos fosse possibilitado ao aluno partir do mais elementar para o mais complexo, do concreto para o abstrato, perseguindo-se assim, pelo menos, as diretrizes gerais das “lições de coisas”:

O ensino elementar de geografia não pode obedecer a leis diversas das que regem toda a cultura científica. Onde, portanto, não for absolutamente possível o processo da lição das cousas, da observação directa dos fenómenos estudados, aos menos é essencial que a lição parta sempre do conhecido para o desconhecido, e se apoie em objetos familiares ao aluno como ao professor. (TOLEDO, 1930, p. 319).

Então, a proposta de Toledo era partir da realidade local, trabalhar com o espaço geográfico conhecido pelos alunos e professores, mas, era preciso levar em conta as experiências das crianças nas séries do ensino primário, por isso, ele visa propor um ensino mais elementar, trabalhando com fatos e objetos próximos da realidade do aluno. No livro, encontra-se a proposta de aula para o professor que for trabalhar com o ensino de Geografia da seguinte forma: “a sala de aula”, o ambiente escolar e suas proximidades, são matérias de começo. A observação é directa [sic] e acompanhada de planos que os próprios alunos traçam e, assim, iniciam a cartografia, e se preparam para

a compreensão dos mapas. (TOLEDO, 1930). Dessa forma, o conhecimento estaria sendo construído em Geografia com a participação ativa dos alunos, ou nas condições possíveis de materialização do método ativo.

Outra importante obra para analisarmos é *Didáctica*, manual que foi voltado para o professor realizar o seu trabalho didático nas escolas primárias, ou seja, é um livro que serve como parâmetro didático para o ensino de crianças nas séries iniciais do ensino fundamental da época.

Para João Augusto de Toledo, era fundamental mostrar ao aluno porque se ensina a Geografia na escola, como observa Toledo (1934, p. 222): “[...] Definido, em termos claros porque *se ensina geografia a crianças*, a intuição didáctica orienta o mestre, através do programma, na escolha dos tópicos de maior interesse e na medida da ênfase, na escolha dos tópicos de maior interesse necessário a cada um”.

Outro aspecto significativo na obra de Toledo é a importância que ele dava ao método de ensino: ele enfatiza aos professores a relevância do caminho a ser percorrido durante o ato de ensinar:

[...] Por qualquer caminho não chegaremos aos fins acima enunciados; o método é aqui a medula espinal; os pormenores do seu processo têm de ser cuidadosamente observados: um desvio, leve na aparência, falseia o objetivo que se tenha em vista. E, para que tal não suceda, impõe-se o exame de cada passo do percurso a realizar, precisando os acidentes prováveis e as atitudes a assumir com relação a eles. Aqui, como em toda parte, mestre e alunos devem avançar de olhos abertos, bem scientes do destino que procuram. (TOLEDO, 1934, p. 226).

Para Toledo, a importância dada ao método de ensino é evidente na organização do trabalho didático, enfatiza que o mestre deve observá-lo sistematicamente, e orienta que um leve descuido pode implicar em não se ter os objetivos de ensino alcançados.

Não tira a responsabilidade dos alunos, contudo, de se manterem atentos aos ensinamentos passados pelo mestre. Ao mesmo tempo, no entanto, João Toledo é um crítico dos métodos decorativos: “Tinha o menino o seu compêndio, marcava-lhe o professor umas tantas páginas que eram decoradas em casa, e depois repetidas na escola, em voz alta” (TOLEDO, 1934, p. 226), e a aprendizagem não era garantida. Aqui se apresenta, mais uma vez, o ecletismo com o qual o autor aborda o trabalho

didático e sua organização: se caberia ao professor imprimir, pelo uso de um método adequado, a direção da aprendizagem, isso também demandaria a participação do aluno no processo, que não seria garantida apenas pela memorização dos conteúdos em pauta.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluindo esse artigo, reafirmamos que as categorias analíticas trabalhadas dentro dos referenciais teórico-metodológicos abordados são importantes ferramentas para a realização do trabalho, tendo a ciência da história como método, é de vital importância na pesquisa, pois estamos estudando a proposta apresentada por João Augusto de Toledo em seus manuais didáticos. Este importante autor para a história da educação brasileira viveu no período do escolanovismo no Brasil, sobretudo, nas primeiras décadas do século XX, em um período de grandes transformações sociais, econômicas e educacionais na sociedade brasileira.

Nesse sentido, suas proposições para o ensino de Geografia permitiram demonstrar, como já apresentado por Camargo (2007) a perspectiva a partir da qual João Toledo entendia as condições necessárias para a organização do trabalho didático: sem abandonar a ideia de que o professor seria um elemento central na relação educativa – e por isso defendia a necessidade de manuais didáticos que auxiliassem o professor nessa empreita – também considerava possível e necessário ajustar programas, conteúdos e oportunizar aos alunos que sua atividade e iniciativa fossem valorizadas, assim como respeitadas suas particularidades.

4. REFERÊNCIAS

ALVES, Gilberto Luiz. **O Trabalho Didático na Escola Moderna: formas históricas**. Campinas: Autores Associados, 2005.

_____. **A Produção da Escola Pública Contemporânea**. 4.ed. Campinas: Autores Associados, 2006.

_____. Organização do trabalho didático: a questão conceitual. **Revista Acta Scientiarum**, Maringá, v. 34, n. 2, p. 169-178, jul./dez. 2012. Disponível em: <<http://www.sisbin.ufop.br/bibichs/index.php/noticias/7-biblioteca/144-boletim-museu-paraense-emilio-goeldi-ciencias-humanas-vol-7-n-3>>. Acesso em 12 ago. 2014.

III Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas sobre Educação no Campo
V Jornada de Educação Especial no Campo
XIII Jornada do HISTEDBR
Educação no Campo: História, desafios e perspectivas atuais



CAMARGO, Paulo Edyr Bueno de. Conciliação e ecletismo no trabalho didático do educador paulista João Toledo (1879-1941). In: JORNADA DO HISTEDBR, 7, Campo Grande, 2007. **Anais...** Campo Grande: 2007. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada7/_GT1%20PDF/CONCILIA%C7%C3O%20E%20ECLETISMO%20NO%20TRABALHO%20DID%C1TICO%20DO%20EDUCADOR%20PAULISTA%20JO%C3%20TOLEDO.pdf>. Acesso em 15 ago. 2015.

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. 2.ed. São Paulo, Expressão Popular, 2008.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

PINHEIRO, Maria de Lourdes. **Trajatória e interlocuções do educador paulista João Toledo (1900-1939): a permanência dos modelos de lição**. Campinas: 2009. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas.

TOLEDO, João Augusto de. **Didática (nas escolas primárias)**. 3. ed. Livraria Liberdade, São Paulo, 1934.

_____. **Escola Brasileira**. 3.ed. São Paulo: Livraria Liberdade, 1930.

